



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de lançamento da Política Nacional de Esporte**

**São Paulo-SP, 19 de agosto de 2005**

Bem, eu não vou precisar utilizar a nominata aqui, porque todos os nomes já foram repetidos pelo menos três vezes. Daqui a pouco todos querem sair candidatos a alguma coisa, porque o nome está muito popular.

Mas eu queria dizer a vocês uma coisa que eu considero extremamente importante, sobretudo ao nosso amigo Antônio de Alcântara Machado Rudge, presidente do Esporte Clube Pinheiros. Dizer ao Nuzman, uma figura que tem marcado história no esporte brasileiro, ao Aivaldo Bôscolo, presidente da Confederação Brasileira de Clubes, aos secretários de estados, secretários municipais, uma coisa muito importante, antes de fazer um pronunciamento aqui, relativo à festa de lançamento da nossa Política Nacional de Esporte.

Quero, também, cumprimentar os prefeitos que estão aqui, os deputados estaduais. E dizer, Nuzman, que você e o Agnelo têm uma responsabilidade que não está presente neste ato, porque nós vamos sediar o Pan-Americano de 2007, e 2007 está aí.

E na semana passada eu determinei à ministra Dilma Rousseff que convocasse todos os envolvidos na organização do Pan – prefeito do Rio de Janeiro, governadora do Rio de Janeiro, os dirigentes das confederações brasileiras ligadas ao esporte, o Ministro do Esporte – porque se a gente quiser sonhar em um dia fazer uma Olimpíada aqui, no Brasil, ou a gente reconquistar o direito de fazer uma Copa do Mundo, nós temos que ser profissionais e fazer as coisas com muita competência, para que a gente possa mostrar ao mundo que nós não somos bons apenas no futebol, no vôlei, na natação, ou seja, nós



somos bons na organização dos eventos internacionais com que nos comprometemos.

E se a gente não cuidar disso muito rapidamente, Nuzman, daqui a pouco tem gente jogando responsabilidade em cima de gente, e você sabe como é a vida, não é? Cachorro de muito dono morre de fome, porque todo mundo pensa que pôs comida e ninguém pôs comida para ele.

Então, não vamos deixar que fique alguém jogando um para o outro. Vamos ver o conjunto dos problemas, vamos ver de quem é cada responsabilidade, para que a gente possa entregar a Vila Pan-Americana pronta no dia certo, na hora certa, com o aeroporto do Rio bonito, funcionando, atendendo mais gente, com tudo funcionando para que as pessoas falem: “Puxa vida, esse Brasil não é apenas o país do samba, ou do carnaval, ou do futebol, este país também é o país da organização. Se consegue fazer um Pan desse jeito, por que não pode, um dia fazer umas Olimpíadas aqui, no Brasil, enquanto a gente ainda estiver vivo, para poder assistir isso?”

A segunda coisa, ao presidente do Clube Pinheiros: veja, essa é a definição correta de uma Política Nacional de Esporte. Porque não dá para tratar um clube que tem 106 anos como se fosse apenas um clube. Esse clube pode ser um clube para quem vem de longe e vê pela primeira vez, mas um clube que está enraizado numa região importante como está o Pinheiros, há 106 anos, não é mais um clube, é mais do que um clube, é um centro de atividades culturais da cidade de São Paulo, do estado de São Paulo e do Brasil. Porque se não for tratado assim, em momentos de crise financeira pode aparecer um engraçadinho aqui e falar: “Olha, faz o seguinte, vamos desmontar isso aqui. Isso aqui é um terreno bonito e cabe o shopping aqui, para gerar 3 mil empregos”. Ou vem um escritório de uma empresa qualquer para cá e vai gerar 2 mil empregos. Maravilha. Agora, nada que vier para cá substitui o que esse clube representa para essa região da capital paulista. Nada, não vai ser emprego, que pode ser em outro lugar.



Então, é essa que eu acho que é a questão do Estado brasileiro, de assumir a responsabilidade pela política de esporte, porque muitas vezes os clubes brasileiros estão todos endividados, todos. Então, é muito cômodo dizer “ah, porque os dirigentes não prestam, porque os dirigentes são isso, são aquilo, precisa trocar os dirigentes”. Ora, os dirigentes são resultado das eleições que acontecem em cada clube. As regras do jogo foram determinadas pelos Conselheiros, então é preciso mudar.

O dado concreto, para não falar de time de São Paulo para não acirrar a rivalidade aqui neste recinto, nós poderíamos pegar um time do Rio Grande do Sul, poderíamos pegar o Internacional ou o Cruzeiro, pegar o Náutico ou o Sport de Pernambuco, pegar o Vitória, na Bahia, ou pegar o Bahia mesmo, ou pegar o Flamengo, o Fluminense, o Vasco, o Botafogo... Nós não temos o direito de, porque alguém agiu com irresponsabilidade ao longo do tempo, deixar um patrimônio cultural de um país, como é um clube como o Flamengo, por exemplo, quebrar. “Ah, quebrou, fechou, acabou, vem outro no lugar.” Não vem outro no lugar, porque paixão é uma coisa inexplicável. Quando as pessoas se apaixonam por uma coisa, pode colocar dez no lugar que não vai substituir. Está cheio de times criados há muito tempo e que não têm a torcida que têm determinados clubes criados há até menos tempo. Por quê? Porque é uma coisa que marca profundamente uma ligação de paixão entre um ser humano e um clube esportivo.

Então eu acho que, no Brasil, nós temos que pensar o seguinte: o esporte brasileiro não é um acontecimento eventual, não é uma coisa que aconteceu por acaso. O esporte faz parte da vida do nosso povo, faz parte da nossa cultura, faz parte da vida das nossas mulheres, faz parte da vida dos nossos homens. Nós não somos um país em que, vai ter um jogo de futebol, a mulher sai de casa porque o marido vai ver o jogo de futebol. Não, muitas vezes, é ela quem fala: “vamos sentar aqui, vamos tomar uma cervejinha e ver



o jogo aqui.” E ainda vamos torcer um contra o outro, dependendo se um é santista, corintiano, são paulino, palmeirense, ainda vão torcer.

Então, eu acho que é isso que nós temos que ter como mentalidade, definir claramente que o esporte faz parte do cotidiano da nossa vida e enxergá-lo na sua multifuncionalidade, ou seja, o esporte que tem o atleta profissional, que vira um atleta olímpico, que vira um atleta profissional de valor internacional incomensurável, mas também o atleta caseiro, aquele que levanta às seis horas da manhã, vai para uma esteira ou vai caminhar meia hora, reclamando da vida porque acorda normalmente cansado, mal-humorado, e depois de vinte minutos na esteira – como acontece comigo todo santo dia – depois de vinte minutos na esteira eu já começo a ficar mais alegre, e passo o dia muito melhor. Pessoas que levantam com a pressão 17x12, 14x9, aí anda meia hora, quarenta minutos, vai medir a pressão logo em seguida, está 11x7, fica todo feliz, não vai ter problema de ter um derrame, de ter uma depressão maior. Então, desde essa atividade, eu diria de saúde, que nós temos que fazer todos os dias, até preparar um atleta para chegar a ser um campeão, um campeão olímpico em qualquer que seja a atividade, é uma responsabilidade de políticas públicas do Estado brasileiro.

O atleta, quando fica famoso, quando ganha uma medalha de ouro, ou ele vira campeão do mundo, o Estado não tem que cuidar mais dele, porque aí tem fila de patrocinadores, do mundo inteiro. Agora esse, nós temos que agradecer a Deus por ter dado a ele essa conquista extraordinária. Mas e aquele que ainda não virou atleta? Aquele que está tendo a sua iniciação em uma escola primária que, normalmente, não tem um metro quadrado para praticar esporte neste país? Algumas escolas, quando têm a quadra, não têm a rede, quando têm a rede, não têm a marcação, quando têm tudo isso, não têm bola. Como é que pode? Normalmente não se pensa nisso no Brasil, e não é uma responsabilidade só da União. É uma responsabilidade da União, dos estados e dos municípios, porque é muito fácil ficar na frente da televisão,



invejando a conquista dos outros países, sem saber o que eles fizeram para chegar a conquistar as medalhas que conquistaram. Então, é uma questão de responsabilidade nossa, de uma definição.

Agora, eu queria pedir para vocês: não esperem que, com o lançamento da Política Nacional de Esporte, que a gente colha o resultado amanhã. Isso é que nem uma criança: nasceu, nós temos que cuidar. Temos que dar boa alimentação, cuidar, fazer as limpezas que precisar fazer, fazer as mudanças que precisar fazer, para que essa criança se transforme num adolescente e num adulto que possa consagrar, definitivamente, a política de esporte no nosso país. Uma política de esporte que, na minha opinião, nunca foi levada muito a sério no Brasil, nunca. Ou seja, você tratava das coisas eventuais: tem pressão aqui? Tem. Eu vou cuidar daquela pressão; tem ali, eu vou cuidar daquela pressão. Então, é preciso ver como um todo. É preciso ver desde um portador de deficiência, que vai para uma olimpíada fazer uma atividade esportiva, defendendo o Brasil, até o mais extraordinário dos atletas que nós já produzimos. Todos têm que ter a mesma oportunidade, o mesmo tratamento e as mesmas condições.

E aí haverá um processo seletivo da natureza, sempre vai ter um com mais habilidade, com mais competência, que vai chegar lá na frente. Mas os outros não poderão dizer: “eu não tive chance”. E a chance começa exatamente na infância, quando a pessoa é jovem. Tem que ter clubes como esse, as prefeituras têm que ter clubes, têm que ter preparação. Ou seja, se nós fizéssemos isso, certamente, como eu só tenho 60 anos – vou completar em outubro, pareço mais, mas só tenho 60 –, eu espero viver para ver uma política nacional de esporte produzir os efeitos que acho que deve produzir neste país.

Não é demérito, aqui, falar bem de uma pessoa, o ministro Agnelo. Olhe, eu quero dar um testemunho aqui. Eu conheci pessoas mais famosas do que ele no Ministério, cada um tem o seu mérito, cada um tem sua virtude, cada um



tentou fazer alguma coisa. Agora eu duvido que, na história do Brasil, já teve alguém com a dedicação de ouvir, de discutir, de reunir as pessoas e de planejar política de esporte como o companheiro Agnelo Queiroz. Acho, Agnelo, sem medo de errar, o Agnelo passará para a História como o ministro que mais contribuiu para a organização do esporte neste país, que mais debateu a questão do esporte neste país.

E seria muito fácil para ele ser convidado pelo Clube dos Treze, isso é mais elite, mais importante, ou ser convidado pela Seleção de Vôlei, para ir ver uma final, ou numa final de natação, ou numa final de jogo de praia, lá em Copacabana, com bastante gente famosa. Não. Eu sou testemunha de que este companheiro, da mesma forma que ele dá importância a alguém que chega lá com medalha de ouro, ele trata com o mesmo carinho o portador de deficiência, que chega lá se arrastando no chão para ir disputar uma coisa pelo nome do Brasil. Significa uma coisa que eu venho dizendo há muito tempo: nenhum problema do Brasil pode ser resolvido se a gente colocar apenas a razão. É preciso colocar a razão e colocar muita emoção, colocar o coração.

Por isso eu quero terminar dizendo a você, companheiro Agnelo, que Deus escreve certo por linhas tortas. E depois de tanta gente famosa no Ministério, infinitamente melhor de bola do que você, melhor de vôlei do que você, quis Deus que um médico, ruim de bola, não é muita coisa, se transformasse num ministro de Esporte exemplar para o nosso querido país.

Parabéns a você, Agnelo. Parabéns para todos os dirigentes e parabéns aos atletas brasileiros!